

Recordando o casal Valadares

Ilda Perez

Conheci pessoalmente o casal Manuel Valadares (1904-1982, físico) e Maria Valadares (1904-1985, escultora e bióloga) das primeiras vezes que vieram a Portugal depois do 25 de Abril, 1975 ou 1976, em dois jantares em casa da minha família.

Para mim, que estava nos primeiros anos da Universidade, era excitante poder conhecer pessoalmente um dos cientistas expulsos da universidade pelo regime de Salazar, que tivera depois uma vida científica de sucesso fora do país.

O caso dos físicos e matemáticos expulsos era-me próximo porque a minha mãe, Maria Augusta Perez Fernandez (1921-2009, física no Instituto Português de Oncologia), se licenciara na década de 1940 na Faculdade de Ciências de Lisboa, primeiro em Matemática e depois em Física. Fora aluna, e tinha uma enorme admiração pelo trabalho e entusiasmo dos físicos Manuel Valadares e Aurélio Marques da Silva, professores da Faculdade expulsos em 1947. Ainda aluna, ou já recém-licenciada, integrou as primeiras equipas responsáveis pela Gazeta de Física.

Existiam em casa de meus pais estranhos vestígios dessa geração, para mim invisível e algo mítica, de cientistas que eram “muito bons” mas que tinham sido forçados a sair por razões políticas distribuindo ou vendendo pelos amigos o que, de suas casas, não dava jeito levar para o exílio. Lembro-me de que havia lá em casa as “chávenas dos Valadares” e também um “armário dos Valadares”. Ainda hoje existem!



Figura 1: Chávena de chá do serviço dos “Valadares”.

Também, em casa de meu tio, Inácio Perez Fernandez (1910-1989, arquiteto), havia duas esculturas vindas do seu atelier e com estreita ligação ao grupo de cientistas expulsos nos anos 40. Essas duas esculturas eram dois gessos (a que o meu tio mandara dar uma patine): uma delas, de longe a mais bonita, a “Cabeça de Manuel Valadares” esculpida por sua mulher (Figura 3), a outra, o “busto do matemático Maurice Fréchet” da autoria do médico e artista Abel Salazar tem, um significado especial para os matemáticos e para a Sociedade portuguesa de Matemática.²

O primeiro desses jantares foi precisamente em casa de meu tio onde a cabeça esculpida por Maria Valadares estava bem visível junto de outras esculturas sobre a grande prateleira da lareira. Lembro-me de reparar que o Manuel Valadares real e o



Figura 2: O armário “dos Valadares”.

da estátua (mais bonito!) eram, apesar dos mais de 30 anos de diferença, bem a mesma pessoa!

O casal, Manuel e Maria Valadares era um casal engraçado logo à primeira vista, porque pareciam verdadeiramente um casal de opostos: o Manuel muito grande, com um ar muito simpático mas reservado, e a Maria muito pequena, com um ar penetrante e firme, mas muito afável e conversadora. Penso que estes jantares de família foram um reatar de amizades, pegando um pouco



Figura 3: “Cabeça de Manuel Valadares” escultura de sua mulher Maria Ramos Valadares dos anos 30/40 tal como está hoje no “Anfiteatro Valadares” do Museu Nacional de História Natural e da Ciência.

no estado em que se tinham suspenso as relações pessoais, quando os Valadares partiram para Paris em 1947. Terão sido sobretudo um pôr a par das situações familiares e profissionais de amigos que não se viam há muito. E com certeza, ter-se-á falado do modo como uns e outros tinham sentido e sentiam, pela primeira vez, a hipótese de um Portugal democrático. Se destes primeiros jantares tenho uma memória pouco nítida, do meu último encontro com o casal Valadares ficaram-me imagens bem mais marcantes.

Esse último encontro foi em Junho ou Julho de 1982, quando passei por Paris, por ocasião da minha primeira participação numa reunião internacional de matemáticos. Certamente por sugestão da minha mãe, que sabia que Manuel Valadares já estava doente (morreu uns meses depois, em outubro), telefonei para combinar uma visita. Ficou combinado que iria lá almoçar a casa, que era muito perto do parque Buttes Chaumont.

Assim foi. À hora combinada bati à porta, tentando parecer o mais à vontade possível. Lembro-me de que foi a própria Maria quem abriu. Entrei para um hall que pegava com a sala onde o Manuel estava sentado a uma mesa de trabalho. Começámos a conversar, enquanto esperávamos por uma prima da Maria, Nathalie Fidler, da minha idade, que tinham convidado também para o almoço.

Falámos sobretudo de arte. Rimo-nos de que eu começara em arquitectura e acabara em Matemática, um pouco como a Maria que começara como escultora e acabara em bióloga e ao contrário do Manuel que começara nas ciências e passara para as artes. Com efeito, desde que se reformara Manuel Valadares dedicava-se à aquarela. Na altura estava orgulhosíssimo porque tinha ganho havia pouco um primeiro prémio numa exposição de aquarelistas em que participara.

Mostrou-me uma das suas últimas aquarelas: reflexos de luz através de um copo de água. Um trabalho que achei lindo, em tons claros e luminosos de azul e amarelo, sobre papel branco, numa versão ligeiramente cubista.

É esta a memória mais significativa que tenho desse almoço em que a conversa fluíu animada sobre as perspectivas de futuro da Nathalie e minhas, sobre Paris e sobre arte. De certo modo senti



Figura 4: Taça cerâmica de Eugène Fidler 1971.

que já conhecia a Nathalie pois numa das visitas a Lisboa, o casal Valadares tinha trazido aos meus pais uma taça de cerâmica assinada pelo seu pai, Eugène Fidler, que explorara diversas técnicas de cerâmica com Picasso. Essa taça está hoje em minha casa (Figura 4) assim como o catálogo de uma exposição de pintura do autor que a acompanhava.

Mais tarde, em 1990, já doutorada em Matemática fiz uma primeira incursão histórica pela matemática e matemáticos portugueses dos anos 1940 tentando perceber o peso e significado dessa geração de exilados no percurso contemporâneo da matemática em Portugal.

O que encontrei foi um notável programa para a recuperação do desfasamento científico português na área da Matemática nos anos 30/40, que deu origem à publicação [1]. Este programa teve um programa gémeo para a área da Física descrito pelo próprio Manuel Valadares [2] Ambos os programas foram conduzidos a partir da Faculdade de Ciências de Lisboa com financiamento do Instituto para a Alta Cultura e ambos foram particularmente atingidos pelas expulsões universitárias de 1947.

No artigo “Físicos, matemáticos, artistas e arquitetos na década de 1940”, neste número, discutem-se algumas semelhanças e diferenças entre os dois programas salientando sobretudo relações menos conhecidas entre matemáticos, físicos, artistas e arquitetos no Portugal corporativo dos anos 1940.

Hoje, ao relembrar este último encontro com o casal Valadares, não posso deixar de me perguntar se algo teria sido diferente se eu soubesse o que sei hoje sobre a “mítica” geração de cientistas dos anos 1940. Teria?



Matemática, professora universitária da FCUL aposentada

Referências

- [1] “Movimento Matemático 1937-1947”, edição pela C.M.L /Biblioteca Museu República e Resistência 1997, catálogo da exposição com o mesmo nome realizada na Biblioteca Museu Republica e Resistência em Março de 1997.
- [2] Manuel Valadares, O Laboratório de Física da Faculdade de Ciências de Lisboa, sob a direcção do Prof. Dr. A. Cyrillo Soares (1930-1947), e a investigação científica, Gazeta de Física Vol. 2 Fasc. 4 (1950), 93-106.